

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«O Desconcerto», de Jaime Salazar Sampaio. Encenação: Rogério de Carvalho. Coordenação plástica: Ildeberto Gama. Interpretação: Maria N'Zambi, Ávila Costa. Luz: Maria Madalena Leitão. Som: Helena Mendonça. Coordenação de produção: Paulo Antunes. Início — Grupo de Teatro. Sociedade Portuguesa de Autores. 10-1980.

Agora já espectáculo (um tanto abandonado pelo público), «O Desconcerto» surge, na versão definitiva que não terá, mas possibilitando uma abordagem mais aproximada, talvez, permitindo rectificar em parte o que aqui se escreveu a partir da visão de um ensaio. Algumas fissuras são agora observáveis tanto no texto de JSS como no trabalho de RC, que me parece o menos conseguido de todos os que até agora vi. As condições desse trabalho terão, porventura, ajudado a isso.

Ainda “o desconcerto”

Comecemos, no entanto, pelo próprio grupo e, portanto, pela produção do espectáculo. Tornou-se já um hábito os actores formados, mal ou bem, pelo Conservatório juntarem-se para constituir grupos que, em alguns casos, acabam por se esboroar.

Compreendem-se as razões do facto: tendo trabalhado em conjunto durante alguns anos, alimentando possivelmente um projecto comum, a primeira tentativa consistirá em transformar esse convívio e esse projecto em qualquer coisa de concreto. Há no entanto, vários riscos graves numa iniciativa destas: o da dificuldade em conseguir condições de trabalho minimamente aceitáveis; o do grupo se encerrar num casulo; o da impossibilidade de cada um conhecer, dentro de grupos já existentes, experiências, trabalhos, projectos que não poderão deixar de ajudar quem começa a trabalhar com o público. Parecer-me-ia por isso mais correcto que os actores formados pelo Conservatório tivessem a humildade ou a modestia de aceitar as experiências dos outros, vivessem alguns

anos essas experiências, e, então, se fosse esse o caso, procurassem constituir o instrumento do seu trabalho. Isto, claro, no caso de haver grupos ou até companhias nacionais que os aceitem!

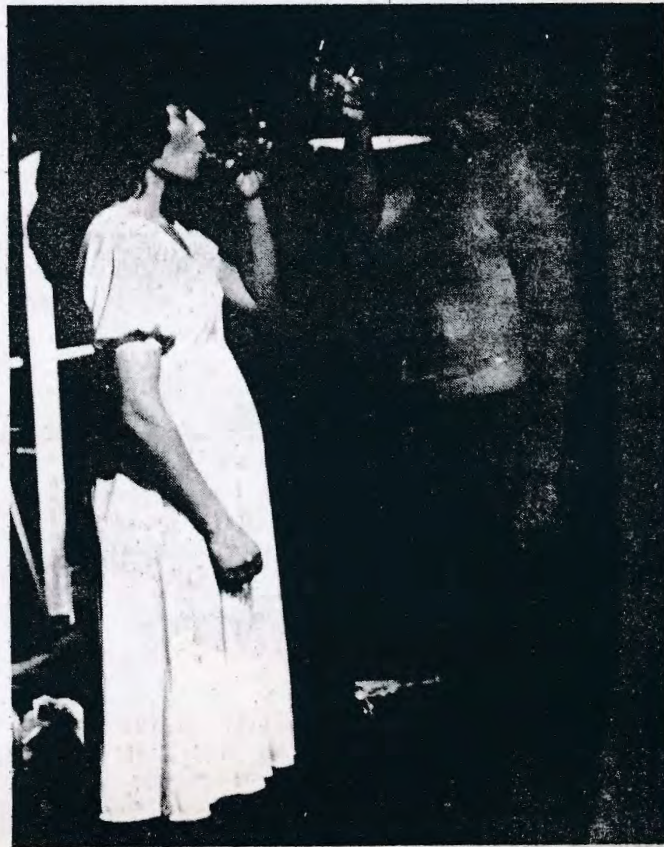
O texto de JSS continua a parecer-me um belo texto, embora agora me pareça menos conseguido do que «Conceição». Isto, em especial, por alguns convencionalismos de que enferma especialmente a fala de Helena, com as suas recordações do passeio pelo litoral. No entanto, mantém-se incólume o rigor da personagem masculina, cuja força elíptica me parece evidente, como aqui escrevi.

O trabalho de RC pareceu-me agora menos cuidado do que os anteriores. É o caso da banda sonora, mesmo enriquecida, e de certos pormenores, como o da contradição entre certos movimentos de Helena: mima de pendurar roupa enquanto outros actos são representados (como o de passar a ferro); deixa estar bastante tempo a chávena com o leite a arrefecer e depois afirma estar o líquido a esalidar; o cachecol da cena final devia ser

muito mais comprido, caindo até aos pés; não se compreende por que Alexandre não aparece nunca de «gabardina clara». Pormenores insignificantes mas cuja falta de rigor pesa num espectáculo feito de gestos insignificantes.

Também o trabalho dos actores me agradou menos. O que não é de estranhar: as personagens exigem intérpretes com uma grande capacidade de desdobramento, uma energia interior e uma presença exterior que nem Maria N'Zambi nem Ávila Costa podem ainda exprimir. Como o texto vive sobretudo da personagem Helena, é sobre ela que recai o maior peso da fragilidade do espectáculo que exige um maior dimensionamento, sob todos os pontos de vista. A voz de Maria N'Zambi tende ainda a monotizar o texto.

Devo, no entanto, sublinhar o excelente trabalho com a luz. Este espectáculo é uma experiência que merece ser vista. Deve ser especialmente entendido como prolongamento de um trabalho escolar, ponto de partida para outras viagens e outros concertos.



Maria N'Zambi e Ávila Costa em «O Desconcerto», de Salazar Sampaio